


A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO PARA O LAZER NAS ESCOLAS MUNICIPAIS NO BAIRRO UBERABA, CURITIBA-PR¹

Recebido em: 05/06/2020

Aprovado em: 18/02/2021

Licença: 

Felipe Sobczynski Gonçalves
Prefeitura Municipal de Curitiba
Curitiba – PR – Brasil

Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Santos – SP – Brasil

Simone Rechia
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba – PR – Brasil

RESUMO: O objetivo da pesquisa foi compreender quais as vivências ou experiências que crianças estudantes das Escolas Municipais Marumbi, Michel Khury, Maria Marli e Rachel Mader, que fazem parte do perímetro do Projeto Vila Sustentável (PVS), possuem em relação aos espaços públicos de lazer e quais eram as principais atividades realizadas por elas nesses espaços. Foi aplicado um questionário com 355 crianças. As categorias de análises foram: quais as praças que as crianças frequentavam; diferentes formas de uso e apropriação das praças; brincar na praça e na rua. A partir dos questionários realizados e das conversas com as crianças, percebemos que elas têm anseios por diferentes atividades de lazer, porém ainda não têm autonomia para se apropriarem dos diferentes espaços públicos, pois são muito novas e ainda dependem dos pais para usufruírem desse direito em sua essência.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de Lazer. Educação. Espaço.

THE IMPORTANCE OF TRAINING FOR LEISURE IN MUNICIPAL SCHOOLS IN NEIGHBORHOOD UBERABA, CURITIBA-PR

ABSTRACT: The objective of this research was to understand which experiences that children students of Marumbi, Michel Khury, Maria Marli and Rachel Mader Municipal Schools, who are part of the Sustainable Village Project (PVS), have in relation to public spaces of leisure and what were their main activities in these spaces. A questionnaire was applied with 355 children. The categories of analysis were: which squares the children attended; different forms of use and appropriation of squares; play in the square and on the street. From the questionnaires conducted and conversations

¹ Artigo premiado no 30o. Encontro Nacional de Recreação e Lazer (ENAREL), realizado em Curitiba/PR em 2019.

with the children, we realize that they have longings for different leisure activities, but still do not have autonomy to appropriate the different public spaces, because they are very young and still depend on parents to enjoy this right in your essence.

KEYWORDS: Leisure Activities. Education. Space.

Introdução

A cidade é um lugar onde as pessoas por meio de seus corpos podem ouvir, ver, tocar, conviver, aprender e se desenvolver, ou seja, ela apresenta uma função pedagógica e social e nessa perspectiva, a escola pode ser o local por excelência que procure educar os alunos para vivenciarem o lazer na cidade.

Pensar o processo de educar para o lazer (MARCELLINO, 1998; VIEIRA DOS SANTOS, 2014) na escola se caracteriza como um objeto de reflexão para o ensino, ou seja, o lazer seria um elemento articulador² a ser apropriado e entendido enquanto direito constitucional, para potencializar as próprias escolhas, espaços, práticas e atitudes no tempo e espaço de lazer.

Para Vieira dos Santos (2014, p.12) acredita que para a educação para o lazer se concretizar é preciso que

[...] tal educação já aconteça na vida cotidiana dos sujeitos. Defendemos, porém, que essa compreensão se dê no sentido da reflexão crítica da importância do direito ao lazer, a reivindicá-lo e a usufruí-lo, isto é, tê-lo como objeto de educação, sobretudo na escola, instituição fundamentada na missão de ensinar.

O processo de educação para o lazer, permite instrumentalizar as crianças para assumirem o protagonismo nos seus tempos/espaços destinados às vivências de lazer, essa proposta reforça a visualização de uma escola na qual o crescimento, conhecimento, enfim, a educação, extrapole o trabalho desenvolvido em sala de aula e

² “Os elementos articuladores alargam a compreensão das práticas corporais, indicam múltiplas possibilidades de intervenção pedagógica em situações que surgem no cotidiano escolar” (Paraná, 2008, p.54), dentre elas o lazer. São, ao mesmo tempo, fins e meios do processo de ensino e aprendizagem, pois devem transitar pelos diferentes conteúdos escolares de modo a articulá-los o tempo todo. Esses elementos ampliam o conhecimento da realidade estabelecendo relações e nexos entre os fenômenos sociais e culturais.

alcance todos os tempos/espacos escolares, com projetos integradores e que estimulem outra forma de comportamento e atitudes dos alunos.

Dessa forma, uma das possibilidades de realizar esse processo de educaçao para o lazer pode ser através da compreensao de como as crianças efetivam a “prática do bairro”. Conforme afirma Certeau; Giard; Mayol (1996, p.43), “a prática do bairro é desde a infância uma técnica do reconhecimento do espaço enquanto social”, por isso acreditamos na importância das escolas desenvolverem trabalhos que permitam aos alunos terem acesso aos espaços públicos de lazer do bairro onde vivem. Para os autores, “o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma pertença indelével”, é esse pertencer ao lugar desde a infância que permite afirmar que se efetiva o “processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública” (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 1996, p.44).

Neste sentido, o objetivo desse texto foi compreender quais as vivências ou experiências que crianças estudantes das Escolas Municipais Marumbi, Michel Khury, Maria Marli e Rachel Mader, que fazem parte do perímetro do Projeto Vila Sustentável (PVS)³, possuem em relação aos espaços públicos de lazer e quais eram as principais atividades realizadas por elas nesses espaços.

Metodologia

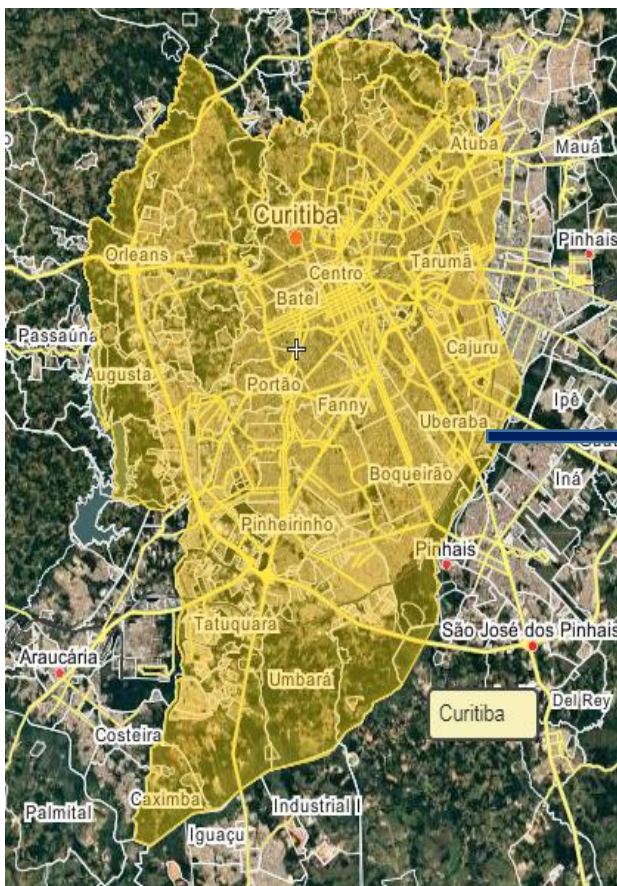
Para a realização da pesquisa foram selecionadas turmas de 5º ano, de ambos os turnos, das quatro escolas presentes no perímetro delimitado entre as ruas Comendador Franco, Br 277, Velci Bolivar Grandó e Rio Iguaçu (FIGURA 1), que atende a uma comunidade de aproximadamente 30 mil pessoas. Destaca-se que dentro desse limite

³ Essa foi uma proposta idealizada e coordenada pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente, da Prefeitura Municipal de Curitiba e tratou-se de um projeto que tinha como objetivo estabelecer, coletivamente, práticas que desenvolvessem a autonomia e o empoderamento da comunidade, levando o fenômeno lazer como foco central em suas ações.

encontram-se sete vilas da região que fazem parte do bolsão Audi-União, que abriga aproximadamente 9 mil pessoas, e apresenta uma realidade carente economicamente, socialmente, culturalmente e de espaços públicos de lazer, localizados entre a linha do trem e o Rio Iguaçu.

Figura 1: Localização do perímetro dentro do bairro Uberaba na cidade de Curitiba/Pr

CIDADE DE CURITIBA



Fonte: Wikimapia

BAIRRO UBERABA

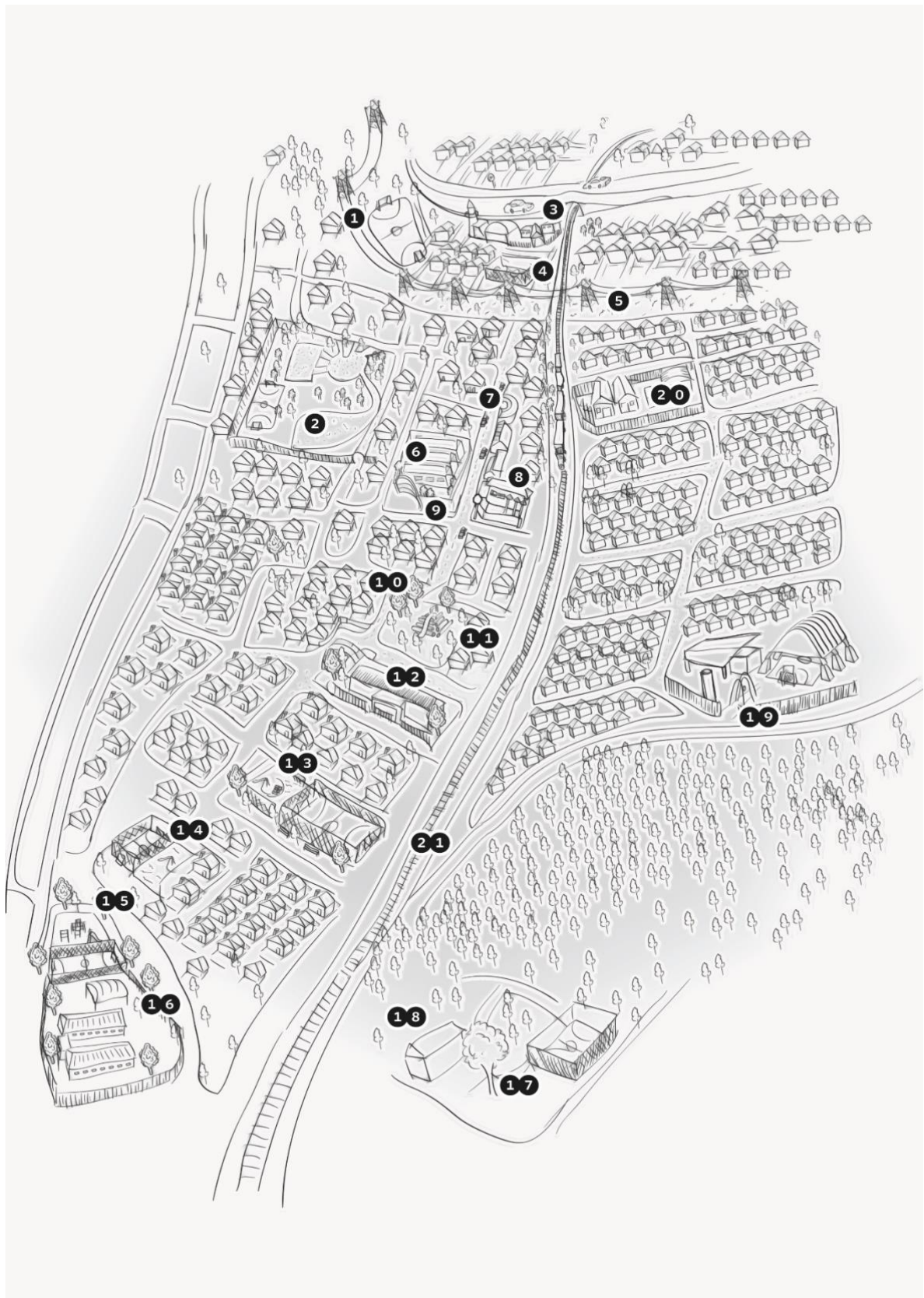


PERÍMETRO



Para facilitar visualmente os locais das escolas e das praças que fazem parte da pesquisa, apresentamos a seguir um mapa ilustrado com legenda (FIGURA 2).

Figura 2: Mapa ilustrado



Legenda:

- 1- Campo de futebol Grupo Panela
- 2- Praça Anhangava
- 3- Escola Municipal Marumbi
- 4- Praça José Paulino Schmitt
- 5- Linha de Transmissão com hortas comunitárias
- 6- Escola Estadual Anibal Khury Neto
- 7- Rua do Comércio
- 8- Pizzaria 1º de maio
- 9- Unidade de Saúde Lotiguaçu
- 10- Praça do Bosque
- 11- Capela São José Operário
- 12- Escola Municipal Michel Khury
- 13- Praça Homero Oguido
- 14- Jardimete Gastão Adolpho Romanó
- 15- Praça Renato Russo
- 16- Escola Municipal Maria Marli
- 17- Parque da Imigração Japonesa
- 18- Casa - Associação PIAC SPORT
- 19- Portal do Futuro
- 20- Escola Municipal Rachel Mader Gonçalves
- 21- Linha do trem

Optou-se pelas turmas do 5º ano, pois são crianças que já estão a algum tempo na escola e em geral apresentam maior vivência e conhecimento sobre o bairro.

Foi elaborado um questionário em que os alunos responderam individualmente. Para auxiliar no momento de responder as questões referentes às praças foi utilizado como estratégia a projeção de imagens, assim foi possível observar que os alunos e as alunas muitas vezes não reconheciam os espaços pelos nomes oficiais, mas ao observarem as imagens conseguiam identificá-las e muitas vezes nomeavam de outra forma.

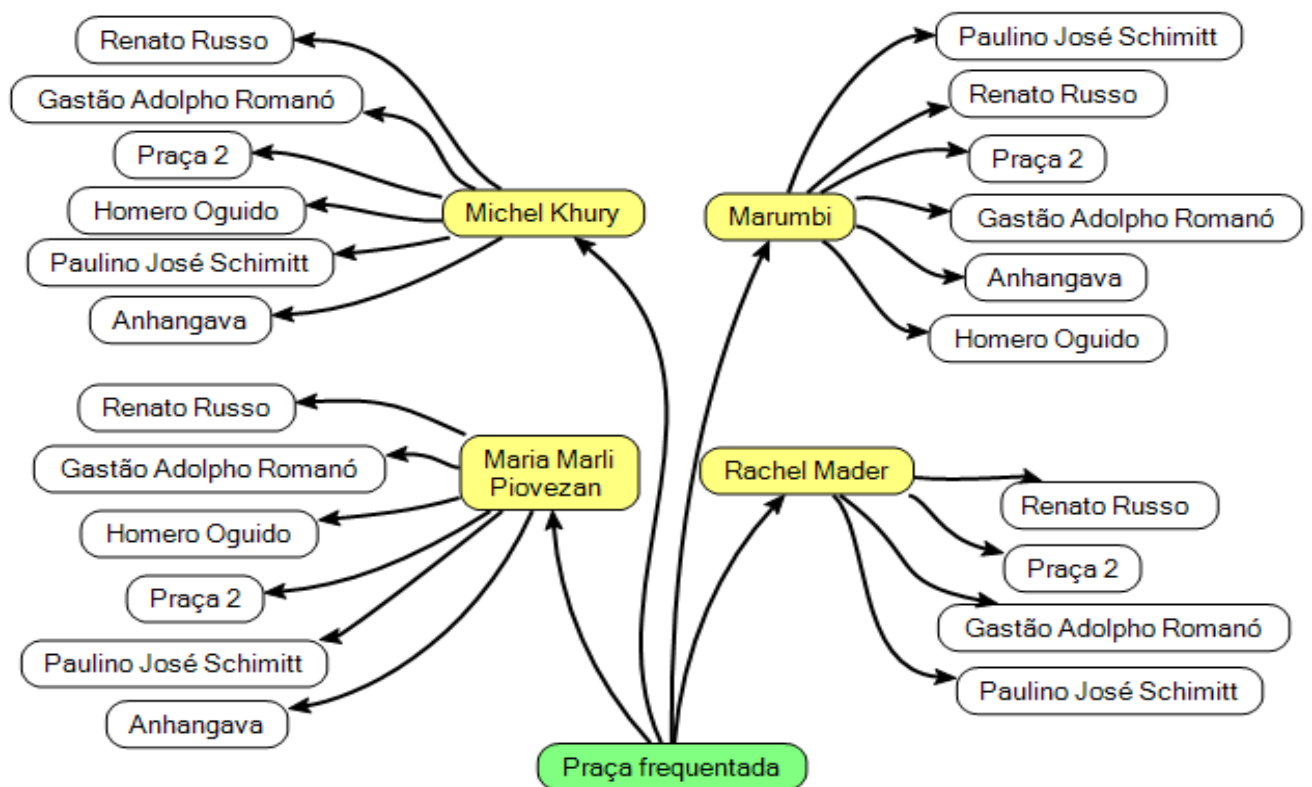
No total foram respondidos 355 questionários, desse total, 41 na Escola Rachel Mader, 78 na Escola Marumbi, 110 na Escola Michel Khury e 126 na Escola Maria Marli. Essa variação no número de respostas se deve ao número de turmas de 5º anos de cada escola.

Os dados foram categorizados para melhor discussão. Para facilitar a visualização dos resultados, foram criados diagramas a partir do *software Go Diagram Express*.

Resultados e Discussão

A primeira categoria de análise está relacionada às praças que as crianças frequentavam, apresentada no Diagrama 1. Optamos por não colocar as porcentagens em cada uma das respostas, porém no diagrama elas aparecem em ordem de cima para baixo da mais frequentada para a menos frequentada, importante ressaltar que as quatro escolas estão destacadas no diagrama na cor amarela.

Diagrama 1: Quais dessas praças você frequenta?



O que chamou atenção nas respostas das escolas Michel Khury, Maria Marli e Rachel Mader foi que as crianças afirmam que frequentam as Praças Renato Russo, sendo as mais utilizadas pelas crianças das três escolas e depois vem o Jardimete Gastão Adolpho Romanó, de acordo com as duas primeiras escolas. Esse dado chamou a atenção pelo fato de realizarmos observações em diferentes horários, dias da semana, final de semana e feriado e poucas vezes vimos crianças nesses dois espaços.

Esses dois espaços se caracterizam como não lugares⁴, apesar de apresentarem uma circulação de pessoas, principalmente, por serem locais de passagem, não foi observado que a comunidade, desde crianças até os idosos, se apropriavam desses espaços públicos. Talvez a maneira como os alunos foram questionados acabou gerando uma interpretação diferente que resultou nesses dados. Como essa praça e o jardimete ficam bem próximos das duas primeiras escolas, pode ser que as crianças ao irem e voltarem da escola e utilizarem esses espaços como trajeto acabaram considerando que as frequentam quase todos os dias. Já a escola Rachel Mader fica do outro lado do bairro, o que dificulta o acesso, principalmente das crianças.

A Praça 2, ou Praça do Bosque, aparece como sendo uma das mais frequentadas. Essa praça passou a ter uma maior apropriação depois do processo de reconversão⁵ (BORJA; MUXI, 2000) pela qual passou. Ela está muito próxima da Escola Michel Khury e da Escola Rachel Mader, essa escola fica do outro lado da linha do trem e daquele lado não tem nenhum espaço público de lazer, nesse sentido, a Praça 2 é a que está mais próxima da escola.

⁴ Para Augé (1994) o lugar se caracteriza como identitário, relacional e histórico, no entanto, o espaço que não se define dessa maneira será considerado um não-lugar.

⁵ De acordo com os autores, o processo de reconversão se caracteriza como uma ação que busca a melhoria dos espaços públicos da cidade, tais como ruas e praças de bairros com baixo nível de urbanização, por meio de ajardinamento, novos mobiliários, iluminação, equipamentos socioculturais, que se convertem em verdadeiros espaços públicos de uso coletivo e proporcionam qualidade de cidade a estes bairros (2000, p.43).

Durante as observações, percebemos o trabalho de uma professora da Escola Michel Khury, realizado nessa praça com as crianças da pré-escola. Em conversa com professora, ela relatou que:

As crianças escolheram a praça, pois de acordo com elas, naquele espaço tem um lobo “bom” que mora lá. Então as crianças levaram cartas para ele dizendo o quanto gostavam dele. Os bilhetes foram pendurados nas árvores e dois dias depois voltamos para retirar, pois já daria tempo dele ter lido (DC, 25/05/2016).

Após recolher as cartinhas, as crianças viram que a praça estava suja e em conjunto com a professora decidiram realizar a limpeza. De acordo com a professora as crianças já tinham realizado um processo de reconversão na escola e depois sugeriram que fosse feito o mesmo na praça. Esse foi um projeto desenvolvido no decorrer do ano letivo de 2016 e teve como título “O olhar da criança na valorização do espaço público”. Devido à qualidade do trabalho, a professora e os alunos receberam dois convites, um para expor no Museu Paranaense, além do convite para participar da Bienal da Educação Infantil.

Ao conhecer o trabalho da professora, ela foi convidada a participar do Projeto Vila Sustentável, para ajudar no desenvolvimento das ações. Outra ação que acreditamos ter sido relevante foi a grande participação, no processo de reconversão da praça, tanto da professora quanto de seus alunos em conjunto com os seus familiares no dia 25 de maio de 2016, realizando a limpeza de toda a praça e o plantio de árvores e de diferentes mudas de plantas.

Acreditamos que esse trabalho realizado pela professora da educação infantil é o que nós enquanto professores devemos procurar realizar com nossos alunos. Esse processo de conscientização da importância de cuidar e conservar o espaço público de lazer deve ser incentivado com as crianças desde os anos iniciais. São poucos os exemplos de adultos que tenham um sentimento de pertencimento e que desenvolvam

uma relação afetiva com o lugar, porém as crianças apresentam uma maior receptividade a aprender, assim os professores ao trabalharem com diferentes valores conseguem influenciá-los de maneira mais significativa.

Outra ação desenvolvida em conjunto com essa escola foi uma oficina de construção de brinquedos com materiais alternativos. A proposta tanto do poder público quanto da comunidade envolvida era desenvolver um processo educativo por meio de ações lúdicas que buscassem uma profunda relação com a sustentabilidade (RECHIA; GONÇALVES; FRANÇA, 2018; RECHIA; LADEWIG, 2014).

O trabalho se efetivou em três etapas, sendo a primeira um processo de reconversão dos espaços da escola e que contou com o apoio da comunidade na efetivação das ações, a segunda foram as oficinas⁶ de construção de brinquedos com materiais recicláveis e alternativos e a reflexão a respeito da importância da sustentabilidade e posteriormente a utilização dos brinquedos construídos em diferentes espaços, tais como os eventos que ocorreram na Praça do Bosque e na Unidade de Saúde, além de uma ação específica em uma ONG presente no bairro Uberaba.

Por essa razão, acreditamos que a educação para o lazer pode ser um instrumento pedagógico que venha instigar as crianças a valorizar os diferentes lugares do bairro e conseqüentemente tenham a possibilidade de se apropriarem da cidade onde moram.

Pensando nas formas de uso e apropriação da Praça Homero Oguido, essa é uma praça pouco frequentada pelas crianças, porém observamos que no final do dia, principalmente, quando tinha jogo de futebol, elas estavam juntas com os adultos. Em alguns finais de semana haviam 3 ou 4 crianças brincando principalmente na cancha de

⁶ No total, tivemos 8 oficinas de construção de brinquedos utilizando materiais recicláveis e alternativos (Jogos de tabuleiros; Pé de lata; Dominó com caixas de leite; Boliche, Passa-bola e argolas, Bilboquê, Vai e vem e Cai não cai com garrafas PET).

futebol de areia. Tuan (2012) destaca que o desenvolvimento da identidade será mais intensa quanto maior for a ligação sentimental e afetiva que o lugar for capaz de gerar.

Já a praça José Paulino aparece como frequentada pelos alunos da escola Marumbi, isso se deve ao fato da escola estar a apenas uma quadra dessa praça. Os equipamentos e mobiliários que fazem parte dessa praça são a academia ao ar livre, uma cancha de futebol de areia, um parquinho com o trio de ferro, mobiliários para alongamento e uma pista de caminhada que fica ao redor de um grande bosque. Durante a semana quem utiliza esse espaço são os adultos e basicamente os equipamentos que fazem parte da academia ao ar livre. No entanto, aos finais de semana e feriados as crianças que moram no entorno da praça brincam na ciclovia com “carrinhos de rolimã”.

Os carrinhos são construídos por um dos moradores que tem sua casa bem em frente à praça. Ao conversarmos com alguns moradores, comentaram que ele vende os carrinhos e que sempre leva para a praça para as crianças brincarem. Toda criança e adulto que passava na praça poderia brincar com os carrinhos.

Esses carrinhos chamam a atenção pelo tamanho e por sua qualidade no processo de construção. Enquanto as crianças subiam nos carrinhos, os adultos empurravam com um pedaço de madeira ou com as mãos. Em alguns momentos as pessoas que estavam na praça diziam “não basta ser mãe, tem que participar”; “Nossa! Nunca fiz tanto exercício!” (DC, 08/09/2017).

A partir das diferentes observações foi possível perceber que essa praça apresenta certo uso por parte da comunidade que mora no entorno, porém não é possível afirmar que se caracteriza como uma apropriação, ela estaria situada entre o lugar e o *não lugar*.

A última praça que está no diagrama e que fez parte da pesquisa é a Anhangava. De acordo com a respostas das crianças é a menos utilizada, mesmo pelos alunos da escola Marumbi que fica muito próxima a esse espaço. As crianças da escola Rachel Mader sequer citaram como um espaço frequentado e quando apresentamos a imagem da praça para os estudantes, quase ninguém reconheceu. Provavelmente isso tenha ocorrido por ser essa praça um não lugar, além de estar no interior do que afirmamos ser um enclave fortificado.

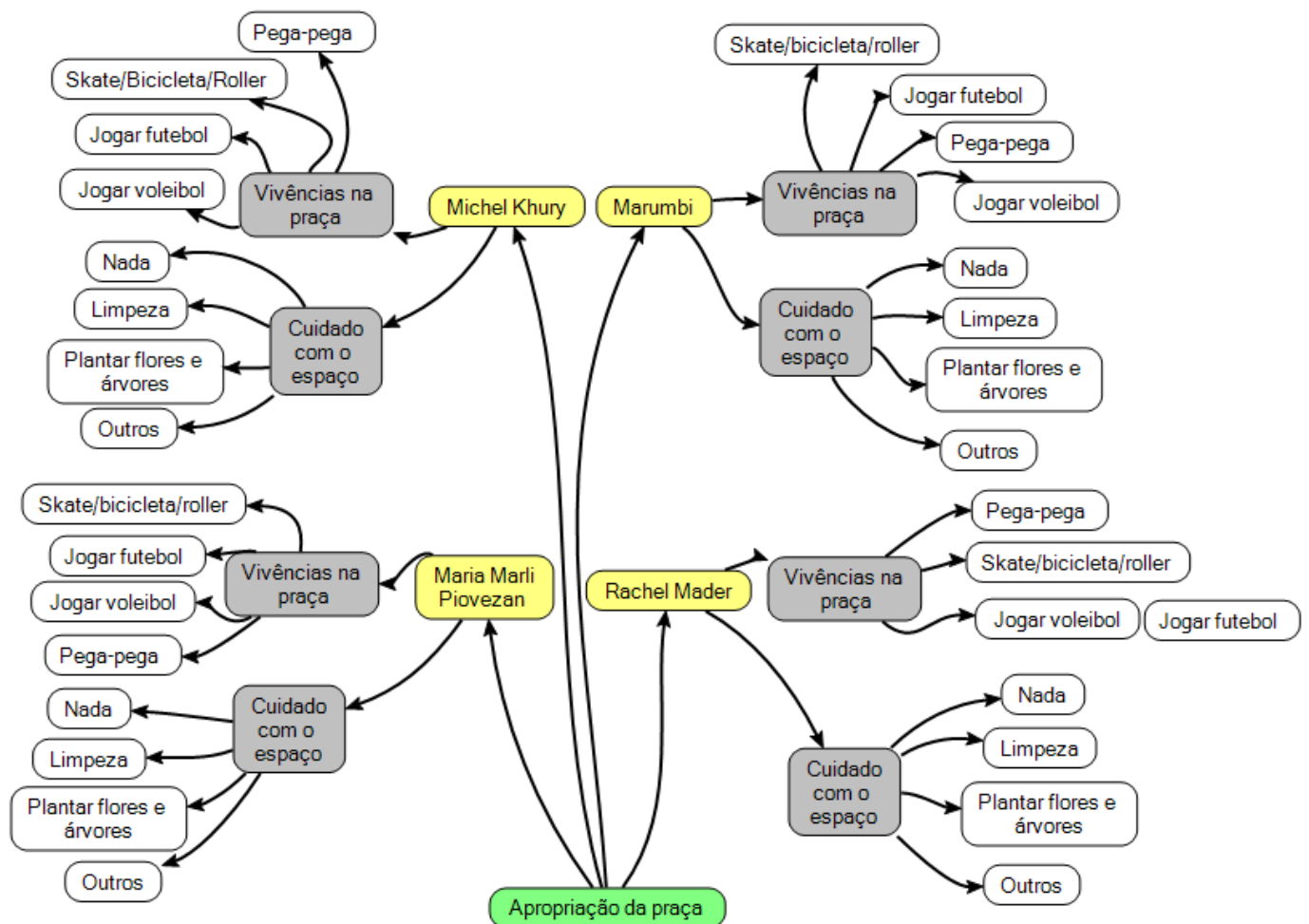
De acordo com Caldeira (2000, p. 11), os enclaves fortificados são espaços “privatizados, fechados e monitorados, destinados a residência, lazer, trabalho e consumo. [...] Por serem espaços fechados cujo acesso é controlado privadamente, ainda que tenham um uso coletivo e semipúblico, eles transformam profundamente o caráter do espaço público”.

Quando trazemos as respostas do que as crianças costumavam fazer quando iam às praças, ficou perceptível que a maior parte das respostas acabaram se repetindo nas diferentes escolas, por esse motivo achamos relevante trazer aquelas que foram mais assinaladas. Da mesma forma que no diagrama anterior não colocamos as porcentagens, mas as respostas aparecem em ordem de cima para baixo, das vivências mais realizadas para a menos realizadas, além do cuidado que tiveram com os espaços. A categoria apropriação da praça está representada em verde, em amarelo estão as escolas, em cinza as subcategorias relacionadas as vivências realizadas nas praças e qual cuidado já tiveram com o espaço e na cor branca estão as variáveis de maior frequência.

Em todas as escolas, as respostas que se destacaram com relação as atividades foram praticamente as mesmas, brincar de pega-pega; andar de bicicleta, skate, roller ou patins; brincar de futebol e brincar de vôlei.

As questões no questionário buscavam ampliar o leque de possibilidades, por exemplo, quando elas brincam, a preocupação era saber com quais brinquedos, dentre eles poderiam assinalar boneco (a); skate/bicicleta/roller; esconde-esconde; pega-pega; cobra-cega e tinham a possibilidade de escrever outro brinquedo que não estava presente na pergunta. Já com relação as atividades com bola, tinham as seguintes opções: jogar futebol; jogar vôlei; jogar queimada/caçador; jogar alerta; jogar basquete, ou outro jogo que não estava no questionário.

Diagrama 2: Diferentes formas de uso e apropriação das praças



Nas escolas Michel Khury e Rachel Mader, a atividade mais realizada nas praças, de acordo com as crianças, era o pega-pega, enquanto que nas escolas Maria Marli e Marumbi destacava-se andar de bicicleta, skate, roller. A atividade de pegar

apresenta muitas variações e na realidade de Curitiba elas estão presentes em todas as escolas, essa é uma brincadeira que elas realizam na entrada da escola, na hora do recreio e na hora da saída, provavelmente por isso essa resposta apareceu com maior percentual. Já a resposta referente à andar de bicicleta, skate, roller também se destacou. No decorrer das observações poucas eram as crianças que andavam de skate ou roller, porém de bicicleta realmente o número era muito grande.

As outras duas atividades que se destacaram foram aquelas realizadas com bola, futebol e vôlei, porém em percentual ambas foram menos lembradas pelas crianças.

Outra preocupação presente na realização do questionário estava relacionada ao cuidado com as praças, dentre as questões elaboradas, havia perguntas que lhes indagavam: se nunca fizeram nada, se já tinham limpado, se plantaram árvores ou flores, ou qualquer outra ação que tivesse relacionada ao tema. Todas as escolas tiveram o mesmo destaque para as respostas, sendo a mais assinalada não ter feito nada, em segundo limpeza e em terceiro plantar árvores ou plantas. Ao analisar os resultados das respostas separadamente, o número de crianças da escola Michel Khury que já limparam a praça ou plantaram árvores foi maior que as outras escolas, acreditamos que esse fato se deve às ações realizadas na Praça do Bosque tanto pelo Projeto Vila Sustentável quanto pela professora da escola.

As duas últimas questões trazem reflexão que buscam compreender se as crianças consideravam as praças como delas, procurando saber se apresentavam um sentimento de pertencimento com esses lugares e a última se elas costumavam brincar na rua (TABELA 1).

Tabela 1: Considera a praça sua e brinca na rua?

Variável	Maria Marli Piovezan (%)	Michel Khury (%)	Marumbi (%)	Rachel Mader (%)
<i>Considera que o espaço é seu</i>				
Sim	49,0	68,2	43,0	87,8

Não	51,0	31,8	57,0	12,2
<i>Brinca na rua</i>				
Sim	79,0	72,0	71,0	61,0
Não	21,0	28,0	29,0	39,0

Analisando as respostas da primeira questão, os alunos das escolas Michel Khury e Rachel Mader dizem que consideram o espaço como delas, novamente temos a tendência de afirmar que isso se deve ao fato dos diferentes eventos que foram realizados na Praça do Bosque, além disso, esse espaço público de lazer está a uma pequena distância dessas duas escolas. Já a maior parte das crianças das escolas Maria Marli e Marumbi disseram que não consideram como delas, uma suposição para que isso ocorra é a falta de ações das próprias escolas ou eventos que permitam as crianças utilizarem esses espaços no tempo de lazer e dessa forma tenham a possibilidade de criar um sentimento de pertencimento com esses espaços que ficam tão próximos às escolas.

Para Caldeira (2007, p.303), a “qualidade do espaço construído influencia a qualidade das interações sociais” sendo que “os espaços materiais que constituem o cenário para a vida pública influenciam os tipos de relações sociais possíveis neles”. Ou seja, além da proximidade da praça com as escolas, a qualidade do espaço também influencia no interesse de uso.

A última pergunta procura compreender se as crianças brincam na rua. Observando os resultados, afirmamos que os alunos de todas as escolas se apropriam das ruas do bairro. Dentre todas as respostas apresentadas, o brincar na rua se caracteriza como a “prática do bairro” da qual falam Certeau; Giard; Mayol (1996). No decorrer das diferentes observações percebemos que as crianças utilizavam muitas vezes as ruas para soltar pipa, para jogar bola ou andar de bicicleta, mesmo tendo uma praça próximo ao local em que residem. Essas práticas corporais experienciadas nas ruas

propiciam às crianças desenvolverem um sentido de pertencer ao lugar criando uma relação afetiva que viabilizam que pratiquem o bairro.

Corroborando com essa visões, Rolnik (1995) afirma que a existe grande demanda por espaços abertos no meio urbano, visto que o ser humano necessita estar ao ar livre. Isso foi possível perceber, que mesmo nos dias atuais a tendência é que as crianças não brinquem mais na rua, os sujeitos participantes desse estudo têm essa liberdade e escolha de ocupar e se apropriar do espaço urbano.

Considerações Finais

A partir dos questionários realizados e das conversas com as crianças, pudemos perceber que elas têm anseios por diferentes atividades de lazer, porém ainda não têm autonomia para se apropriarem dos diferentes espaços públicos, pois são muito novas e ainda dependem dos pais para usufruírem desse direito em sua essência.

Trazemos a reflexão de Lefebvre (1991) que sintetiza a importância tanto da educação para o lazer quanto a importância de se pensar a cidade como um espaço pedagógico. O autor afirma que a cidade sempre teve e terá uma função lúdica, além de espaços lúdicos; ele acredita de maneira utópica na construção de uma cidade lúdica, na qual o centro seria destinado aos jogos, aos espaços lúdicos, às ações culturais. Levando esses elementos em consideração reforçamos também a importância das comunidades terem acesso ao centro para que de fato se efetive o direito ao “entorno” e consequentemente o direito a cidade.

Podemos afirmar que é na escola que os estudantes têm acesso ao conhecimento produzido sobre o lazer e os espaços públicos da cidade e podem ser potencializados por meio de discussões e reflexões. O professor ou pesquisador deve ter o cuidado de propiciar um ambiente favorável para que reflexão crítica dos conhecimentos

trabalhados sejam levantados na avaliação do processo de ensino e aprendizagem, assim os estudantes têm condições de conhecerem a si mesmos, a realidade que os cerca e isso permite que desenvolvam uma nova visão de realidade.

De acordo com as análises realizadas a melhor maneira dos estudantes reterem o conhecimento é por meio de ações lúdicas, pois ao mesmo tempo em que as crianças, em conjunto com os professores, colegas e responsáveis, efetivavam a ação, também apresentam a possibilidade de resignificar o que foi aprendido dentro da escola e fora dela.

Encerrando nossas reflexões, acreditamos que para haver uma conexão positiva entre lazer e educação é impreterível a participação da comunidade no planejamento, implantação e manutenção dos equipamentos, programas e projetos educativos urbanos. Dessa forma, aumenta-se a probabilidade de que todas as pessoas e em todos os lugares tenham acesso a espaços atrativos, ao uso e à apropriação.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **Não lugares**. Campinas: Papirus, 1994.

BORJA, J.; MUXÍ, Z. **El espacio público, ciudad y ciudadanía**. Barcelona, 2000.

CALDEIRA, J. M. **A Praça Brasileira**: trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2007.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. 3. ed. São Paulo: Editora 34: EDUSP, 2000.

CERTEAU, M; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**: morar e cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

LEFEBVRE, H. **Critique of Everyday Life**. Tradução de John Moore. London: Verso. 1991.

MARCELLINO, N. C. **Lazer e educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1998.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares de educação física para a educação básica**. Curitiba: SEED, 2008.

RECHIA, S.; GONÇALVES, F.S; FRANÇA, R de. Cidade, Lazer, Políticas Públicas e sustentabilidade: Desafios e perspectivas. *In*: BAHIA, C.M (org.). **Novas leituras do lazer contemporâneo**. Belém: NAEA, 2018. p. 105-123.

_____; LADEWIG, I. Espaços de lazer, meio ambiente e infância: relação entre sustentabilidade social e ambiental para o desenvolvimento integral do cidadão urbano. **Revista Brasileira de Estudos de Lazer**. Belo Horizonte, v.1, n. 3, 2014.

ROLNIK, R. **O que é a cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

VIEIRA DOS SANTOS, K. R. **A educação para o lazer nas aulas de educação física: um panorama do cotidiano, barreiras e facilitadores**. 2014. 147f. Dissertação (mestrado). Departamento de Educação Física. Universidade Federal do Paraná. Curitiba.

Endereço dos(as) Autores(as):

Felipe Sobczynski Gonçalves
Endereço Eletrônico: felipesgon@gmail.com

Emília Amélia Pinto Costa Rodrigues
Endereço Eletrônico: emiliaapcosta@gmail.com

Simone Rechia
Endereço Eletrônico: simonerechia@hotmail.com